



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 10 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 3 de maio de 2011

| | |
|---|----|
| FOLHA DE SÃO PAULO EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES ATÉ ABRIL ACUMULAM VOLUME RECORDE..... | 1 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| VALOR ECONÔMICO BÁSICOS SUSTENTAM SUPERÁVIT COMERCIAL DE US\$ 5 BI | 2 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| VALOR ECONÔMICO DESTAQUES | 4 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| VALOR ECONÔMICO ICMS A RECUPERAR CRESCE JUNTO COM O AUMENTO DAS EXPORTAÇÕES | 5 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| O GLOBO REAL VALORIZADO, ROTINA QUE VEIO PARA FICAR | 7 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| VALOR ONLINE Exportadoras já acumulam bilhões em créditos de ICMS | 9 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| BRASIL ECONÔMICO-SP CORRENTE DE COMÉRCIO ATINGE RECORDE HISTÓRICO | 11 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| BRASIL ECONÔMICO-SP GOVERNO ELEVA PROJEÇÃO DAS EXPORTAÇÕES | 12 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| BRASIL ECONÔMICO-SP CENTENÁRIA, IBM VIRA FÁBRICA DE PATENTES NO BRASIL | 14 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |
| D24AM Terceiro turno abre até 4 mil vagas no Polo Industrial de Manaus..... | 15 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL | |

| | | | |
|--|--|-------------------------|------------------------|
|  | VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO | EDITORIA | |
| | TÍTULO EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES ATÉ ABRIL ACUMULAM VOLUME RECORDE | | |
| | ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

DE SÃO PAULO - O Brasil registrou recorde de exportações e importações em abril e no acumulado do ano, divulgou ontem o governo.

Nos quatro primeiros meses de 2011, foram exportados US\$ 71,4 bilhões, alta de 31% ante o mesmo período do ano passado. As importações somaram US\$ 66,4 bilhões, crescimento de 27%. O saldo comercial ficou positivo em US\$ 5 bilhões.

O principal fator que impulsionou as exportações foi o aumento dos preços das commodities, insumos básicos que respondem pela maior parte do que o Brasil

exporta. O governo elevou a meta de exportações para o ano de US\$ 228 bilhões para US\$ 245 bilhões.

Segundo o ministro Fernando PIMentel (Desenvolvimento), medidas de estímulo à indústria devem ser anunciadas neste mês para melhorar a qualidade das exportações.

| | | |
|--|---|------------------------|
|  | VEÍCULO VALOR ECONÔMICO | EDITORIA |
| | TÍTULO BÁSICOS SUSTENTAM SUPERÁVIT COMERCIAL DE US\$ 5 BI | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

De São Paulo

No primeiro quadrimestre o Brasil teve superávit comercial de US\$ 5 bilhões. O saldo foi resultado de exportações de US\$ 71,4 bilhões e de importações de US\$ 66,4 bilhões. Os dois valores são recordes para o período. A exportação foi sustentada pelos básicos, cuja participação saltou para 46,4% no acumulado de janeiro a abril deste ano. No mesmo período do ano passado essa fatia era de 41,3%.

O minério de ferro segurou as exportações do primeiro quadrimestre, atingindo US\$ 11,3 bilhões. O valor significa um terço da exportação total de básicos e 15,8% das vendas totais ao exterior. No mesmo período do ano passado a fatia do minério de ferro era de 9,2% das exportações brasileiras. Com o desempenho, o minério de ferro ganha nas exportações uma participação maior do que o total de semimanufaturados. Essa classe de produto ficou com fatia de 13,9% das vendas ao exterior no primeiro quadrimestre.

O preço foi o que propiciou o grande avanço do minério de ferro. O valor exportado do produto aumentou em 129% em abril, na comparação com o mesmo mês do ano passado. No período a venda em volume cresceu 22% enquanto o preço teve elevação de 88%. Outro básico que também teve elevação do valor exportado no período foi a soja em grão. Com US\$ 4 bilhões vendidos ao exterior no primeiro quadrimestre, o grão teve aumento de 22,8% no valor médio diário exportado, na comparação com os primeiros quatro meses do ano passado. Em abril a quantidade de soja exportada teve elevação de 9% em relação ao mesmo mês de 2010 enquanto preço subiu 30%.

Alessandro Teixeira, secretário executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), diz que o Brasil tem competitividade

para exportação de produtos naturais e agrícolas, mas há uma preocupação para elevar a venda de produtos brasileiros de maior valor agregado.

Segundo o ministro de Desenvolvimento, Fernando PIMentel, a nova política industrial a ser divulgada no próximo mês deve conter medidas para gerar maior competitividade para as indústrias. "Não temos um problema de quantidade nas exportações, mas sim um problema de qualidade." Os manufaturados perderam espaço na pauta brasileira de exportações, chegando a uma participação de 37,5% no primeiro quadrimestre. No mesmo período do ano passado a fatia era de 42,5%.

Entre os manufaturados um dos destaques de desempenho foram as máquinas e aparelhos de terraplanagem. Em abril o aumento no valor exportado foi de 97%, na comparação com o mesmo mês de 2010. Nesse caso, foi o volume que pesou. A quantidade exportada no período aumentou em 60% enquanto o preço teve elevação de 23%.

As importações brasileiras no primeiro quadrimestre cresceram puxadas principalmente por bens de capital e bens de consumo, com crescimento de 30,1% e 34,8%, respectivamente, levando em conta a média diária, na comparação com o acumulado dos primeiros quatro meses do ano passado. Com o desempenho, a fatia dos bens de capital na importação total cresceu, no período, de 21,3% para 21,8%. A dos bens de consumo cresceu de 16,9% para 17,9%.

Para Teixeira, os números não significam desindustrialização porque não há indicação de queda de produtividade e de produção industrial. Segundo ele, os bens de capital importados são bens não fabricados no país e a compra de bens de consumo reflete o crescimento do mercado doméstico. Entre os maiores fornecedores do Brasil, destaca-se a China, cujas vendas ao Brasil aumentaram em 35,8% levando em conta a

média diária do primeiro quadrimestre, na comparação com o mesmo período do ano passado. Na mesma base de comparação as **importações** com origem nos Estados Unidos cresceram 27,9%. A média diária de compras da

Argentina, outro **importante exportador** ao Brasil, cresceu no período 21,9%. (MW)

| | | | |
|--|--|-------------------------|------------------------|
|  | VEÍCULO VALOR ECONÔMICO | EDITORIA | |
| | TÍTULO DESTAQUES | | |
| | ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

As telas de cristal líquido - usadas em tablets, celulares e televisores de alta definição - são o produto chinês de maior peso na pauta de importação brasileira em termos de valor, segundo afirmou o ministro do **Desenvolvimento**, Fernando **PIM**entel, ontem. Por isso, ele disse que o governo "vai fazer todo o esforço necessário" para concretizar a vinda da taiwanesa Foxconn, fabricante das telas, para o país. "Eles vão resolver um grande problema da nossa balança, uma importação de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões ao ano",

afirmou **PIM**entel, em São Paulo, em entrevista acompanhada pelo Valor. Segundo o ministro, a Foxconn

chegou à conclusão de que é mais barato fazer uma parte da montagem no país. Ele também confirmou o valor total do investimento, recebido com ceticismo por muitos analistas no país. A empresa apresentou ao governo brasileiro um projeto para investir US\$ 12 bilhões em um complexo industrial que, além de produzir as telas, deve montar aparelhos eletrônicos.

| | | | |
|--|--|------------------------|--|
|  | VEÍCULO VALOR ECONÔMICO | EDITORIA | |
| | TÍTULO ICMS A RECUPERAR CRESCE JUNTO COM O AUMENTO DAS EXPORTAÇÕES | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

Marta Watanabe | De São Paulo

Empresas de setores com exportações crescentes estão vendo seu volume de créditos a recuperar do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) crescer em ritmo acelerado. Das dez maiores exportadoras brasileiras de capital aberto, em seis - Vale, Petrobras, Braskem, BRF Foods, JBS e Usiminas - houve aumento dos valores do imposto a recuperar em dezembro de 2010 na comparação com o mesmo mês de 2009, segundo informações das demonstrações financeiras consolidadas.

Em três dessas companhias - Braskem, BRF Foods e JBS - ao menos parte da elevação é creditada expressamente a operações relacionadas à exportação. Em outras três - Vale, Fibria e Suzano Papel e Celulose - já há provisão de perdas com créditos de ICMS, pois parte dos créditos do imposto são considerados irrecuperáveis. Na Fibria e na Suzano, a provisão para perdas cresceu embora tenha diminuído o ICMS total a recuperar

Na Vale, o imposto a recuperar passou de R\$ 570 milhões em dezembro de 2009 para R\$ 871 milhões em dezembro do ano passado. Na BRF Foods, o ICMS a recuperar cresceu de R\$ 600 milhões para R\$ 646 milhões. A provisão para perdas com o imposto subiu, em igual período, de R\$ 70 milhões para R\$ 78,4 milhões. O frigorífico Marfrig, viu seu total a recuperar do imposto crescer de R\$ 293 milhões para R\$ 474 milhões. A Fibria, fabricante de celulose e papel, elevou a provisão do imposto de R\$ 406 milhões para R\$ 481 milhões entre 2009 em 2010.

José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), diz que a elevação de créditos a recuperar de ICMS hoje é um problema concentrado entre os exportadores de básicos, em razão de um ritmo

crescente nos últimos anos de vendas dessa classe de produtos ao exterior. Para a indústria de manufaturados, que tem perdido espaço na exportação, diz Castro, o problema ficou mais ameno. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, a fatia dos manufaturados nas vendas ao exterior caiu de 42,5% no primeiro quadrimestre de 2010 para 37,5% em igual período deste ano.

Beneficiada pela alta do preço do minério de ferro e pela forte demanda chinesa, as exportações da Vale passaram de US\$ 10,8 bilhões em 2009 para US\$ 24 bilhões no ano passado. O ICMS a recuperar da mineradora saltou 52%. As exportações da BRF Foods cresceram de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 2,1 bilhões, e o volume de ICMS a recuperar subiu R\$ 46,2 milhões.

O valor de créditos de ICMS a recuperar das empresas altamente exportadoras cresce porque a operação de venda ao exterior é desonerada do imposto. Numa venda ao mercado interno, o ICMS pago na compra de insumos e produtos intermediários que fazem parte da cadeia produtiva geram créditos que são descontados do imposto devido na venda. Como a exportação é livre de ICMS, a empresa não consegue usar os créditos.

A alternativa para as empresas é usar os créditos nas vendas ao mercado doméstico. O problema é que nem sempre as vendas locais dão vazão a todos os créditos ou muitas vezes o mercado doméstico não é tão relevante no Estado em que foram gerados os créditos. Como o ICMS é um imposto estadual, o crédito só pode ser usado no Estado em foi pago o imposto.

A BRF Foods, por exemplo, diz em suas demonstrações financeiras que os créditos do imposto são acumulados em razão da sua atividade exportadora, além da venda no mercado doméstico a alíquotas reduzidas de ICMS e de investimentos em

imobilizado. O frigorífico acumula créditos do imposto em cinco Estados diferentes.


A Fibria declara no balanço que a sua provisão de perda com créditos de **ICMS** refere-se ao **ICMS** pago no Espírito Santo e no Mato Grosso do Sul, onde a **produção** da fabricante de celulose e papel é preponderantemente voltada à **exportação**. A empresa informa que provisiona 100% do crédito de **ICMS** gerado no Mato Grosso do Sul e 50% do originado no Espírito Santo.

O tributarista Júlio de Oliveira, sócio do Machado Associados, lembra que são poucos os Estados que permitem a transferência de créditos para terceiros. Ele explica que a transferência só costuma ser permitida por meio do uso do crédito como pagamento a fornecedores. "Geralmente é restrita à aquisição de ativo immobilizado." Esse tipo de transferência, explica

Oliveira, também acaba gerando perda às empresas porque o fornecedor só aceita o crédito como forma de pagamento com deságio. Segundo o advogado, em alguns casos esse desconto chega a 60%.

"A impossibilidade de gerar o crédito causa um custo adicional à empresa. Trata-se de um imposto que foi pago e seria ressarcido, teoricamente, mas que na prática torna-se irrecuperável", diz Oliveira.

Em seu balanço a Fibria diz que o custo do produto vendido pela companhia aumentou em 4% em 2010 na comparação com o ano anterior. O aumento da provisão para perda de créditos de **ICMS** é apontado pela empresa como um dos fatores para a pressão de custos, ao lado do maior custo relativo das paradas de manutenção e do aumento do custo da madeira.

| | | | |
|--|--|------------------------|--|
|  | VEÍCULO O GLOBO | EDITORIA | |
| | TÍTULO REAL VALORIZADO, ROTINA QUE VEIO PARA FICAR | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

Estudo da Austin Rating indica que câmbio segue uma tendência que dificilmente mudará nos próximos anos

Vivian Oswald e Martha Beck

BRASÍLIA. O Brasil terá de se acostumar a ser um país de moeda forte, e precisará aprender a conviver com um intenso ingresso de capital estrangeiro. Isso é o que mostra um levantamento feito com exclusividade pela Austin Rating para o GLOBO com base em dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

De acordo com o trabalho, a partir da década de 90, após a crise asiática, os países emergentes fizeram ajustes e conquistaram estabilidade econômica, entrando no radar dos investidores. Ao mesmo tempo, os desenvolvidos, com menor potencial de crescimento como mercados consumidores, perderam espaço no Produto Interno Bruto (**PIB**) mundial.

Esse fenômeno também se refletiu no câmbio, com o enfraquecimento de várias moedas e o fortalecimento de outras. Segundo o estudo, o real vem mantendo uma tendência de valorização frente ao dólar. Em dezembro de 2002, a moeda americana foi cotada a R\$ 3,63. Passou para R\$ 2,93 em 2003 e, dois anos depois, caiu a R\$ 2,72. Em março, estava em R\$ 1,66.

O trabalho da Austin Rating destaca ainda que a participação americana no **PIB** mundial teve seu pico em 1985, quando chegou a 35,28%, sendo que o percentual deverá cair para seu nível mais baixo em 2020 - 19,24%. Já a participação do Brasil deverá crescer. Em 1984, nunca foi tão pequena: 1,38%. As projeções da Austin indicam que ela mais que dobrará, mas, mesmo assim, não passará de 3,75% do total em 2020.

- O material deixa evidente que o problema do dólar fraco ou do real valorizado não será resolvido apenas com aumento dos juros nos Estados Unidos e na

Europa, com a redução no Brasil ou, ainda, com as medidas burocráticas e arrecadatórias adotadas recentemente. O problema é estrutural. Há décadas, os Estados Unidos e a Europa perdem sua hegemonia econômica, enquanto os países periféricos, por exemplo, os do Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), estão aumentando fortemente sua participação - afirma o economista- chefe da Austin, Alex Agostini.

Economistas querem indústria forte e reformas


Diante desse fenômeno, o economista defende que, em vez de tentar segurar o dólar, o governo aja de maneira mais firme na adoção de medidas que preparem o Brasil para sua nova condição. O caminho, segundo Agostini, é garantir competitividade à indústria nacional e lançar mão, o mais rapidamente possível, de reformas como a tributária e a previdenciária.

Para o diretor do Departamento de Relações Internacionais e **Comércio** Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Roberto Giannetti da Fonseca, as medidas que o governo vem adotando para minimizar os danos provocados pelo câmbio à indústria brasileira são muito tímidas. A delas foi a aceleração do pagamento de parte dos créditos de tributos que incidem sobre a compra de matérias-primas dos exportadores. As regras foram anunciadas no início de 2010 para dar mais capital de giro às empresas, mas, até agora, menos de cem companhias, num total de 15 mil exportadores, conseguiram utilizar o benefício. - O pacote foi, de fato, mais uma tentativa de embulhar os contribuintes exportadores - afirma Giannetti. Para o vice-presidente da Associação de **Comércio** Exterior do Brasil

(AEB), José Augusto de Castro, a situação do câmbio é irreversível e a saída para garantir competitividade está nas reformas e no desenvolvimento da infraestrutura do país: - Só reclamamos da atual

taxa de câmbio porque temos um sistema tributário caótico, uma carga gigantesca. Não temos infraestrutura

e precisamos sustentar rombos previdenciários. Isso sem falar na burocracia. ED

| | | | |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO VALOR ONLINE | EDITORIA | |
| | TÍTULO Exportadoras já acumulam bilhões em créditos de ICMS | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

O crescimento das exportações, especialmente de produtos básicos, provocou um aumento no volume de créditos a recuperar do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Das dez maiores exportadoras brasileiras de capital aberto, em seis - Vale, Petrobras, Braskem, BRF Foods, JBS e Usiminas - houve aumento dos valores do imposto a recuperar em 2010, na comparação com o ano anterior, de acordo com informações das demonstrações financeiras consolidadas. E considerando apenas quatro grandes companhias - Vale, Fibria, JBS e Marfrig - o valor ultrapassava R\$ 3 bilhões no fim do ano passado.

ICMS a recuperar cresce junto com o aumento das exportações

Marta Watanabe | De São Paulo

Empresas de setores com exportações crescentes estão vendo seu volume de créditos a recuperar do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) crescer em ritmo acelerado. Das dez maiores exportadoras brasileiras de capital aberto, em seis - Vale, Petrobras, Braskem, BRF Foods, JBS e Usiminas - houve aumento dos valores do imposto a recuperar em dezembro de 2010 na comparação com o mesmo mês de 2009, segundo informações das demonstrações financeiras consolidadas.

Em três dessas companhias - Braskem, BRF Foods e JBS - ao menos parte da elevação é creditada expressamente a operações relacionadas à exportação. Em outras três - Vale, Fibria e Suzano Papel e Celulose - já há provisão de perdas com créditos de ICMS, pois parte dos créditos do imposto são considerados irrecuperáveis. Na Fibria e na Suzano, a provisão para perdas cresceu embora tenha diminuído o ICMS total a recuperar

Na Vale, o imposto a recuperar passou de R\$ 570 milhões em dezembro de 2009 para R\$ 871 milhões em dezembro do ano passado. Na BRF Foods, o ICMS a recuperar cresceu de R\$ 600 milhões para R\$ 646 milhões. A provisão para perdas com o imposto subiu, em igual período, de R\$ 70 milhões para R\$ 78,4 milhões. O frigorífico Marfrig, viu seu total a recuperar do imposto crescer de R\$ 293 milhões para R\$ 474 milhões. A Fibria, fabricante de celulose e papel, elevou a provisão do imposto de R\$ 406 milhões para R\$ 481 milhões entre 2009 em 2010.

José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), diz que a elevação de créditos a recuperar de ICMS hoje é um problema concentrado entre os exportadores de básicos, em razão de um ritmo crescente nos últimos anos de vendas dessa classe de produtos ao exterior. Para a indústria de manufaturados, que tem perdido espaço na exportação, diz Castro, o problema ficou mais ameno. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, a fatia dos manufaturados nas vendas ao exterior caiu de 42,5% no primeiro quadrimestre de 2010 para 37,5% em igual período deste ano.

Beneficiada pela alta do preço do minério de ferro e pela forte demanda chinesa, as exportações da Vale passaram de US\$ 10,8 bilhões em 2009 para US\$ 24 bilhões no ano passado. O ICMS a recuperar da mineradora saltou 52%. As exportações da BRF Foods cresceram de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 2,1 bilhões, e o volume de ICMS a recuperar subiu R\$ 46,2 milhões.

O valor de créditos de ICMS a recuperar das empresas altamente exportadoras cresce porque a operação de venda ao exterior é desonerada do imposto. Numa venda ao mercado interno, o ICMS pago na compra de insumos e produtos intermediários que fazem parte da cadeia produtiva geram créditos que

são descontados do imposto devido na venda. Como a **exportação** é livre de **ICMS**, a empresa não consegue usar os créditos.

A alternativa para as empresas é usar os créditos nas vendas ao **mercado** doméstico. O problema é que nem sempre as vendas locais dão vazão a todos os créditos ou muitas vezes o **mercado** doméstico não é tão relevante no Estado em que foram gerados os créditos. Como o **ICMS** é um imposto estadual, o crédito só pode ser usado no Estado em que foi pago o imposto.

A BRF Foods, por exemplo, diz em suas demonstrações financeiras que os créditos do imposto são acumulados em razão da sua atividade **exportadora**, além da venda no **mercado** doméstico a alíquotas reduzidas de **ICMS** e de investimentos em imobilizado. O frigorífico acumula créditos do imposto em cinco Estados diferentes.

A Fibria declara no balanço que a sua provisão de perda com créditos de **ICMS** refere-se ao **ICMS** pago no Espírito Santo e no Mato Grosso do Sul, onde a **produção** da fabricante de celulose e papel é preponderantemente voltada à **exportação**. A empresa informa que provisiona 100% do crédito de **ICMS** gerado no Mato Grosso do Sul e 50% do originado no Espírito Santo.

O tributarista Júlio de Oliveira, sócio do Machado Associados, lembra que são poucos os Estados que permitem a transferência de créditos para terceiros. Ele explica que a transferência só costuma ser permitida por meio do uso do crédito como pagamento a fornecedores. "Geralmente é restrita à aquisição de ativo imobilizado." Esse tipo de transferência, explica Oliveira, também acaba gerando perda às empresas porque o fornecedor só aceita o crédito como forma de pagamento com deságio. Segundo o advogado, em alguns casos esse desconto chega a 60%.

"A impossibilidade de gerar o crédito causa um custo adicional à empresa. Trata-se de um imposto que foi pago e seria ressarcido, teoricamente, mas que na prática torna-se irrecoverável", diz Oliveira.

Em seu balanço a Fibria diz que o custo do produto vendido pela companhia aumentou em 4% em 2010 na comparação com o ano anterior. O aumento da provisão para perda de créditos de **ICMS** é apontado pela empresa como um dos fatores para a pressão de custos, ao lado do maior custo relativo das paradas de manutenção e do aumento do custo da madeira.

| | | | |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP | EDITORIA | |
| | TÍTULO CORRENTE DE <u>COMÉRCIO</u> ATINGE RECORDE HISTÓRICO | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

No acumulado entre janeiro e abril, ela soma US\$ 137,7 bilhões - US\$ 71,4 bilhões em exportações e US\$ 66,3 bilhões em importações. No acumulado de janeiro a abril, a corrente comercial brasileira atingiu o patamar recorde de US\$ 137,7 bilhões, segundo divulgou ontem o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). A soma é resultado de exportações de US\$ 71,4 bilhões e importações de US\$ 66,3 bilhões - ambos também recordes históricos. O superávit comercial registrado nos primeiros quatro meses do ano dobrou na comparação com o mesmo período de 2010, atingindo US\$ 5 bilhões.

O saldo entre janeiro e abril é 132,3% maior que o do mesmo período do ano passado. Do ponto de vista das exportações, os produtos básicos mantiveram o domínio da pauta, com mais de 50% do total. O destaque foi minério de ferro, que teve vendas 126% maiores ao exterior no acumulado dos quatro primeiros meses de 2011.

Por mercados compradores, as exportações cresceram significativamente para a África (48%) e Ásia (41%).

A maior alta por comprador continua vindo da China (53,8%), que compra minério, soja, petróleo, celulose e carnes.

Do lado das importações, os Estados Unidos foram os principais fornecedores, responsáveis por US\$ 9,9 bilhões. Em seguida, vieram a China (US\$ 9,4 bilhões) e a Argentina (US\$ 5,2 bilhões). A importação de bens de capital (máquinas e equipamentos para a indústria) cresceu 38,8% no período.

Com a alta no preço do etanol, a importação de petróleo (matéria-prima para gasolina) também cresceu - representando a maior alta no acumulado de janeiro a abril (69,9%). Apesar da revisão da meta de exportações, o ministro Fernando Lacerda não fez previsões para o saldo da balança deste ano. Ele afirmou que as compras do exterior estão amarradas a fatores que independem da ação do governo, mas garantiu, no entanto, que o país "vai ter superávit comercial" mais uma vez este ano. C.A. e E.R

| | | | |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP | EDITORIA | |
| | TÍTULO GOVERNO ELEVA PROJEÇÃO DAS EXPORTAÇÕES | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

Política de Desenvolvimento Produtivo será anunciada este mês, com o objetivo de elevar competitividade brasileira

Eva Rodrigues e Carolina Alves

Diante dos valores recordes da balança comercial registrados no primeiro quadrimestre do ano, o **Ministério** do **Desenvolvimento** divulgou nova meta para as **exportações** brasileiras em 2011: US\$ 245 bilhões - a anterior era US\$ 228 bilhões. "Essa meta é onservadora porque há analistas no **mercado** falando em valores bem maiores", disse o ministro Fernando **PIM**entel. (leia texto abaixo). Na avaliação de **PIM**entel, o Brasil temhoje umproblema que é o mesmo que afeta os países grandes e desenvolvidos. "Não temos preocupação com quantidade, isso está confortável. O problema é qualitativo e está ligado à competitividade da indústria nacional para que não vejamos nossa **produção** industrial ser transferida para os países asiáticos. Ou seja, queremos **exportar** produtos de maior valor agregado sem abrir mão da **exportação** das nossas commodities", diz.

A saída citada por **PIM**entel para enfrentar o problema é a nova edição da Política de **Desenvolvimento** Produtivo (PDP), que será lançada no mês de maio, e que contém medidas na área fiscal, de incentivos, financiamento e de apoio às **exportações**. "Na nova PDP queremos mudar o foco para a competitividade, que é a chave para destravar a indústria." Destavez, a expectativa é que a PDP não vire peça de retórica do governo - vale lembrar que em 2008, a eclosão da crise financeira internacional fez com que as medidas fossem implementadas de maneira sofrível para dar lugar a ações mais imediatas que fizessem frente a o momento.

Sem esclarecer se o governo pretende implementar novas medidas para conter a valorização

do real, **PIM**entel admitiu que o câmbio atual é desconfortável. Apesar disso, estamos registrando recordes na balança comercial. O que significa dizer que esse câmbio não inviabiliza o **comércio** exterior, mas não nos deixa confortável porque queremos **exportar** produtos com mais valor para gerar empregos no país."

Segundo o secretário-executivo do **Ministério**, Alessandro Teixeira, o governo **monitora** diariamente a entrada de produtos manufaturados. "Não vejo desindustrialização porque não há redução da **produção** industrial e nem queda da produtividade."

Vilãs ou heroínas?

Consideradas uma influência negativa para a qualidade das **exportações** brasileiras, as commodities mantiveram elevadas as vantagens comerciais do país também nos primeiros meses de 011. Segundo estimativas da consultoria Tendências, os termos de troca brasileiros (razão entre índices de preços de **exportações** e de **importações**) cresceram 12,9% no primeiro trimestre deste no em relação ao mesmo período de 010. Como o cálculo depende de dados divulgados pelo governo no final de cada mês, o índice consolidado de abril ainda não foi computado.

Segundo o analista Bruno Lavieri, a tendência é que esse crescimento desacelere ao longo de 2011, para 10%. "Vale lembrar que estamos falando de uma alta em cima de um índice que já cresceu 16% entre 2010 e 2009", explica. "Desta forma, a balança deve ficar favorável para o **Brasil** ainda com folganeste ano", diz.

O problema dessa expansão está, contudo, na elevada dependência as commodities. "No fim das contas, essa vantagem comercial para o **Brasil** não é mérito nosso", explica o presidente da Sociedade

Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Luis Afonso Lima.

Ele ressalta que o investimento na exportação de commodities pode ser prejudicial quando o dólar voltar

a se valorizar. "Precisamos investir mais na competitividade da nossa indústria, para evitar que os termos de troca sejam negativos num futuro próximo", diz.

| | | | |
|--|---|-------------------------|------------------------|
|  | VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP | EDITORIA | |
| | TÍTULO CENTENÁRIA, IBM VIRA FÁBRICA DE PATENTES NO BRASIL | | |
| | ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL |

País foi o terceiro no ranking mundial de registro de inovações na área de serviço no ano passado, atrás apenas de EUA e Japão

Carolina Pereira

"Imagine se tivéssemos parado de inovar na época do relógio de ponto?", pergunta o diretor de tecnologia da subsidiária brasileira a IBM José Carlos Duarte. O produto usado como exemplo pelo executivo mostra que a americana IBM nunca parou no empo e soube se reinventar ao longo de seus cem anos de existência.

No Brasil, no entanto, a inovação nem sempre esteve em pauta. Durante 91 anos, até 2008, a filial brasileira havia registrado apenas quatro patentes, fato que mostra que pesquisa e **desenvolvimento** não era o foco local. Hoje, o **Brasil** tem posição de destaque no cenário global da IBM. No ano passado, o país foi o terceiro no ranking mundial de patentes registradas na área de serviços, atrás apenas de Estados Unidos e Japão. O resultado faz parte de uma mudança de postura da subsidiária. No início do ano, foi criado um programa que libera os funcionários de suas funções convencionais durante, no mínimo, duas horas por semana, para que se foquem em projetos de inovação. Apesar de ser voluntário, o programa está dando resultado.

Hoje, o país tem 36 patentes registradas ao todo e projetos **exportados**. Um deles é um sistema que controla, a partir de Hortolândia (SP), a operação de programas da IBM usados em suas clientes.

"Automatizamos a operação e colocamos inteligência para evitar paradas", diz Duarte. O sistema foi patenteado e agora está sendo replicado pelo mundo. Atualmente, há quatro executivos da companhia no país que tiveram mais de cinco patentes registradas. Um deles é Lucas Gonçalves, gerente de programas da IBM.

Jovem, o executivo é exemplo de um público do qual a companhia quer estar próxima. "A geração que está se formando agora não teve contato com a IBM como


consumidor final. Eles não sonham em trabalhar aqui", diz Duarte. Isto acontece porque, em 2004, a companhia vendeu a divisão de PCs para a Lenovo, se focando no **mercado** corporativo, o que fez com que a marca se distanciasse do dia a dia do consumidor final. O executivo afirma que políticas como a de incentivo à inovação ajudam a empresa centenária a se aproximar de talentos da nova geração.

O assunto inovação também ganhou mais força na IBM há cerca de seis meses, quando o **Brasil** venceu a concorrência mundial para abrigar um novo laboratório da empresa no mundo. A escolha não surpreenderia não fosse o fato da matriz ter analisado cerca de 70 países até fazer sua opção. Foi pelo laboratório que deu origem ao projeto da central de gerenciamento de informações públicas, no Rio de Janeiro. A intenção é melhorar a resposta da prefeitura em situações de emergência, como inundações e deslizamentos.

O conceito de "cidade inteligente", utilizado no centro de gerenciamento do Rio, é o maior oco da IBM na área de pesquisa no Brasil. No momento, a empresa está trabalhando em um projeto de um estacionamento voltado para os grandes eventos esportivos, sobre o qual não dá mais detalhes.

Inventores de fora

Não é só no **Brasil** que a empresa está intensificando a política de inovação. Inventores que moram fora dos EUA contribuíram com mais de 22% das patentes registradas pela empresa em 2010, aumento de 27% em relação aos últimos três anos. Uma das patentes registradas foi do sistema unificado de reclamações de companhias de seguros. Outro exemplo é a tecnologia que permite que chips de PCs se comuniquem por pulsos de luz ao invés de sinais elétricos.

| | | | |
|--|--|------------------------|--|
|  | VEÍCULO D24AM | EDITORIA | |
| | TÍTULO Terceiro turno abre até 4 mil vagas no Polo Industrial de <u>Manaus</u> | | |
| ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO | ENFOQUE DE INTERESSE | VEICULAÇÃO NACIONAL | |

O aumento na demanda do mercado e o crescimento no ritmo da atividade forçaram o Polo Industrial de Manaus (PIM) a abrir linhas de produção de terceiro turno que devem gerar de 3 mil a 4 mil novos empregos temporários a ser preenchidos até junho, segundo os sindicatos patronais e de trabalhadores.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Amazonas, Valdemir Santana, as empresas dos segmentos de motocicletas e televisores, inclusive as de componentes, que estavam com um turno e passaram para dois, e aquelas que operavam com dois expedientes abriram o terceiro turno.

A jornada normal é de segunda a sexta-feira, das 7h às 17h. As empresas que possuem dois turnos operam das 6h às 14h e das 14h às 22h e passaram a trabalhar com o terceiro turno, das 22h às 6h.

“O acréscimo de mais um turno aumenta o número de vagas automaticamente. Até junho essas empresas devem gerar de 3 a 4 mil empregos”, afirmou Santana. Além do aumento de vagas, os colaboradores que trabalharem à noite têm direito ao adicional noturno que varia de 20% a 25% sobre a hora diurna.

O ritmo aquecido da atividade no começo do ano só é comparável historicamente no PIM ao do último trimestre, quando as empresas aumentam as contratações e os turnos para atender à carteira de pedidos do comércio.

Segundo Santana, as empresas Metalfino da Amazônia Ltda., LG Electronics da Amazônia Ltda., Nissin Brake do Brasil Ltda., Wapmetal da Amazônia Ltda. e Envision Indústria de Produtos Eletrônicos Ltda. são algumas das empresas que abriram mais um turno de produção no PIM.

O aumento da atividade industrial vai além da carteira de pedidos do comércio, pois o ritmo da economia está forçando as empresas a ampliarem a capacidade produtiva. A avaliação é do presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares de Manaus (Sinaees), Wilson Périco.

Segundo o executivo, atualmente as indústrias estão fazendo contratos temporários de três meses, mas se o ritmo continuar aquecido as empresas devem efetivar esses empregados. “Com o ritmo atual de produção, o PIM deve fechar o ano com cerca de 115 mil empregos, enquanto ano passado foram gerados 107 mil empregos diretos”, destacou Périco.

As fábricas do subsetor de termoplásticos já trabalham com três turnos, pois o maquinário não pode parar. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Plástico, Francisco Brito, apesar de algumas empresas do segmento comemorarem o aumento no ritmo de produção, outras estão fechando as portas, situação provocada pela mudança tecnológica, que reduziu o tamanho desses componentes e o crescimento das importações, com a vantagem do dólar desvalorizado.

“As empresas do setor de plásticos contratam pontualmente uma média de dez pessoas por mês, pois não têm estrutura ou maquinário para crescer mais. Apesar da demanda do mercado, essas empresas investem pouco e acabam estagnadas”, afirmou Brito. Segundo ele, recentemente uma empresa fechou as portas e demitiu 600 empregados sem pagamento.